



I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ENSINO

FORMAÇÃO DOCENTE, TECNOLOGIAS E DIVERSIDADE

02 a 04 de Agosto de 2023



QUAIS OS SENTIDOS DA ESCOLA PARA MULHERES? NARRATIVAS DE JOVENS MULHERES ESTUDANTES DA EPJAI

Daniela Gusmão Pinheiro Silva¹; Regina Marques Jardim²

¹ Mestranda em Ensino, PPGEn/UESB

² Doutora em Educação (UNESP); Professora do PPGEn/UESB

Resumo

O presente trabalho, tem como objetivo analisar, por meio de narrativas de mulheres estudantes da EPJAI (Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas), os sentidos da educação escolar em sua interface com os estudos de gênero. Os procedimentos metodológicos para realização desse trabalho partem de uma abordagem qualitativa de natureza descritiva e exploratória que facilitará a análise e descrição acerca de compreender melhor a importância da EPJAI para a vida das mulheres participantes do estudo. Para tratamento dos dados, elegemos a Técnica de Análise de Conteúdo, Bardin (2016). Anunciaremos os resultados preliminares dos dados que estamos produzindo.

Palavras-chave: Mulheres na EPJAI; Educação Escolar; Gênero.

Introdução

A presente pesquisa nasce de inquietações sentidas por nós durante toda trajetória pessoal e profissional sobre o que é ser mulher na sociedade moderna e contemporânea. Para nós, ser mulher é algo que está para além das aparências e das atribuições que nos são impostas desde o nosso nascimento, quiçá desde a gestação, na qual o anseio de muitas pessoas pela descoberta do sexo do novo bebê desvela brumas ideológicas que se formaram e segregam os indivíduos a partir da diferença biológica, constituindo uma hierarquia na qual o sexo masculino desfruta de privilégios e exercício de poder de forma desigual subjugando o sexo feminino e justificando violências e privilégios a partir dessa diferença biológica.

No ano de 2018, já como professora efetiva da Rede Municipal de Vitória da Conquista, fui convidada a trabalhar como coordenadora na EPJAI (Educação de

Pessoas Jovens, Adultas e Idosas)¹ e, assim, procurei me preparar com estudos acerca dessa modalidade, contudo, essa experiência foi diferente de tudo que já havia vivido. Percebi que o meu trabalho estava para além das vivências escolares que estava acostumada e o campo das experiências e das diversidades ficaram mais evidentes para mim, principalmente as relações de gênero.

O estudo de gênero permite trazer um olhar para as diferenças. Segundo Louro (2012), a intenção não é a de negar que o gênero é construído com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não se trata de negar a materialidade dos corpos, mas sim de assumir que é no interior da cultura e de uma cultura específica que características biológicas adquirem significados. O conceito de gênero pretende se referir, portanto, ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas.

Segundo Pierucci (2007, p. 33), a distinção sexo/gênero teve grande impacto “sobre práticas cotidianas e lutas políticas de mulheres e, ao mesmo tempo, sobre a teorização feminista, que passou a florescer como nunca”. O gênero foi um conceito proposto por aquelas que sustentavam que a pesquisa sobre as mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas disciplinares. Nos anos de 1980 esse processo se constitui na busca pela legitimação do uso do termo gênero. As pesquisadoras feministas apontaram, desde o início, que o estudo das mulheres não acrescentaria somente novos temas, mas que iria igualmente impor um reexame crítico das premissas e dos critérios do trabalho científico existente (SCOTT, 1995).

De acordo com Scott (1995), gênero é uma importante categoria relacional de análise histórica porque percebe como um dos dispositivos do poder é estabelecido e disseminado nas sociedades, permitindo caminhos para compreender as relações sociais e, conseqüentemente, para romper com naturalizações. A utilidade do conceito gênero está em desconstruir significados que foram socialmente construídos e mostrar que, quando construídos em torno da diferença sexual, podem e devem ser reconstruídos. Nesse modo de pensar, Jardim (2011, p.49) endossa ser crucial uma atenção aos “modos pelos quais as sociedades representam o gênero e servem-se dele para articular as regras de relações sociais ou para construir o significado da experiência”.

O modo de perceber os discursos e comportamentos das pessoas nos instigaram a mergulhar no universo dos estudos de gênero e nos impulsionaram a

¹ “Educação de Pessoas Jovens Adultas e Idosas (EPJAI) é a opção epistemológica utilizada neste estudo, visando à demarcação do campo teórico que compreende a diversidade e pluralidade presentes na modalidade que, como conceito central, será demarcada teoricamente ao longo do texto” (MORAIS, 2019, p.22)

pesquisar como, nós, mulheres, nos constituímos como mulheres e nos levou a pensar sobre a função da educação escolar na reprodução dos papéis sexuais ou no questionamento desses mesmos papéis, contribuindo para a emancipação feminina. Assim, a presente pesquisa traz, a todo, instante o inacabamento das ideias que nos atravessa como mulher e sobre a própria experiência

A instituição escola tem entre uma de suas funções a de ser o lócus social por excelência como um dos espaços no qual, em meio à produção e socialização de saberes e conhecimentos ao longo da história considerados universais exerce o papel de transformadora que pode culminar na emancipação dos sujeitos mulheres e homens que ela frequenta. Freire (1997) aborda a importância da educação problematizadora que se dá em esforço permanente, no qual os sujeitos vão percebendo criticamente como estão sendo no mundo.

Esperamos na aliança educação e gênero a contribuição na formação dos sujeitos em suas múltiplas dimensões. A escola, de acordo com Saviani (2018) nos apresenta duas perspectivas, a primeira da marginalidade, as teorias educacionais que entendem a educação como instrumento de equalização social a segunda as crítico-produtivistas que entendem a educação como instrumento de discriminação social. Felizmente, a educação é contraditória: ela detém o poder de subverter as convenções e reestruturar as relações sociais entre as pessoas. Apesar das tensões entre reproduzir exclusões e homogeneizar grupos, a educação é um dos componentes da mobilidade social e da valorização da diversidade cultural, pois a convivência entre as diferenças é uma constante na formação social e cultural dos indivíduos (JARDIM, 2011).

Assim, vemos na escolha desse tema, uma oportunidade para pensar várias questões que se entrelaçam e se complementam, temos como objetivo primário analisar, por meio de narrativas de mulheres estudantes da EPJAI, os sentidos da educação escolar em sua interface com os estudos de gênero que possibilita questões outras: como se configuram as relações de gênero para essas estudantes. Como as mulheres estudantes da EPJAI constroem sua identidade de ser mulher, como a EPJAI se coloca como oportunidade para estas mulheres de retomar seus estudos? Que caminho essas mulheres seguiam até chegar nas turmas de EPJAI? Quais os entraves que passaram nas suas trajetórias escolares? Quais os anseios pessoais e profissionais as estudantes manifestam? Como elas lidam com os desafios de ser estudantes da EPJAI? O que significa escola para elas? Como elas se veem como

mulheres? Nesse sentido, vislumbramos mais uma oportunidade de trazer para a reflexão histórias de mulheres comuns que vão tecendo suas vidas a partir de diversas vivências e saberes e vão se posicionando no mundo; trata-se de uma forma de trazer visibilidade para as questões de gênero que atravessam os grupos que foram minorizados e, ao mesmo tempo, refletir sobre a importância da EPJAI para a vida das mulheres. Aqui, ressaltamos que nossa pretensão foi estudar a realidade numa perspectiva micro ao recortar histórias dentro de um local, mas, acreditamos, estas histórias têm reflexos e fazem parte de um conjunto maior na sociedade e cultura em que vivemos atualmente.

Metodologia

De acordo com Minayo (2009), a metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Nossa intenção na realização desse estudo é que ele vai nos ajudar a compreender melhor a importância da EPJAI para a vida das mulheres participantes, bem como possibilitar a compreensão de como cada uma das mulheres constitui sua identidade, por meio da escuta de suas narrativas articuladas com a teoria que buscamos como apoio. Essa investigação fundamenta-se em uma abordagem de pesquisa de natureza qualitativa.

O lócus da pesquisa foi delineado na Escola Municipal de Vitória da Conquista-Ba, zona urbana que abarca duas modalidades de educação básica: Ensino Fundamental Anos Finais período (diurno), EPJAI período (noturno) e teve como participantes da pesquisa 25 mulheres, que estudam em turmas dos Segmentos I e II com o recorte de idade entre 15 e 30 anos. O critério de escolha por essa faixa etária se deu pelo interesse de conhecer o motivo pelo qual elas pararam os estudos no período regular, conhecer suas aspirações, anseios e desejos no que diz respeito à educação escolarizada, planos pessoais e profissionais. A intenção foi deixar as mulheres participantes dessa pesquisa falarem por si, pessoas que, na maioria da história das mulheres, têm seus direitos silenciados e que podem buscar, nas muitas formas de transgressões, usar a sua voz para se tornar visível e lutar para que seus direitos sejam de fato cumpridos.

Para a costura metodológica, optamos por utilizar duas etapas para a geração dos dados. Na primeira solicitamos uma produção textual escrita ou oral conforme o desejo da participante, sobretudo respeitando a forma como se sentiu mais à vontade no que diz respeito ao domínio da escrita. Os discursos orais são considerados textos.

Ao refletir sobre a produção de textos (orais e escritos). Os dados gerados foram xerocopiados no caso das participantes que optaram por produções escritas, gravados no caso das que optaram por produções orais e autorizaram a gravação, transcritos e iniciamos o processo de análise de maneira ainda embrionária.

Para a primeira etapa da pesquisa, buscamos atender as participantes de forma individual, o primeiro encontro foi dedicado à apresentação da pesquisa e aproximação da pesquisadora com as participantes, assim como entrega do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), negociação da data para devolutiva dos textos, no caso das que optaram por texto escrito e agendamento da gravação das que optaram pelo texto oral. Para a geração de dados, duas perguntas serviram como base para as produções textuais: O que é ser mulher para você? O que significa a escola para você?

No segundo momento da primeira etapa, que foi o de recebimento e/ou gravações dos textos, das 25 participantes que se prontificaram participar e realizar as produções textuais inicialmente, só conseguimos obter e selecionar 12, pois encontramos algumas barreiras. A primeira delas foi a recusa de 3 responsáveis, no que diz respeito à autorização das participantes que são menores de 18 anos. A segunda foi a desistência de 7 mulheres participantes que por motivos diversos desistiram de participar, e por fim, 3 foram transferidas para outra unidade escolar, por motivos pessoais, inviabilizando dessa maneira a participação efetiva de todas. Das 12 participantes, 9 preferiram participar na primeira etapa com produções textuais escritas e 3 optaram pela produção oral que se deu por meio de gravação de áudios que foram transcritos e organizados em um quadro síntese para a fase de pré-análise; análise (exploração) do material, para prosseguirmos com o tratamento dos resultados e interpretação que emergiram as categorias de análise das produções textuais.

Para a segunda etapa ainda estamos em processo na realização das entrevistas semiestruturadas com aproximadamente 10 participantes, visando melhor captura de toda a singularidade presente nas narrativas, tivemos o cuidado de não seguir na direção de uma abordagem fechada e elaboramos um roteiro com questões que possibilitassem essa abertura de forma que as participantes ficassem à vontade para detalhar suas experiências, ao tempo que podemos apreender e registrar as narrativas e as singularidades de cada participante . Apesar de se ter um roteiro para entrevista, ele também passou por adaptações de acordo com os temas abordados às produções textuais. Do rol de possibilidades que a técnica entrevista oferece,

elegemos a modalidade de entrevista semiestruturada, pois tal ferramenta permite uma melhor adaptação das perguntas ao conteúdo trazido pelas participantes da pesquisa.

Quanto ao aporte teórico que fundamenta a análise dos dados, optamos pela perspectiva da análise do conteúdo Bardin (2016). Esse momento, segundo Minayo (2010, p. 316), “[...] requer que o pesquisador tome contato direto e intenso com o material de campo, deixando-se impregnar pelo seu conteúdo”.

Resultados e discussão

Os resultados preliminares da nossa pesquisa ainda estão em fase de pesquisa de campo. Neste sentido, até o momento foi possível identificar perspectivas valiosas acerca da primeira categoria de análise encontrada, a qual intitulamos: “Escola: Lugar de Futuro”. Ao analisar os dados com base na referida categoria, enfatizamos que por unanimidade, as participantes trazem suas perspectivas e visões positivas a respeito do significado da escola para elas como um espaço de: “ensino e preparação para o futuro, para a vida, amadurecimento intelectual, pessoal, um lugar de respeito, socialização e amizades”.

Além disso, essas jovens manifestam confiança na instituição escolar, como uma das principais oportunidades ao desenvolvimento de habilidades socioemocionais, liderança e pensamento crítico, expressam uma visão otimista sobre a escola como um lugar de futuro.

Essa categoria nos chama atenção para a importância de uma abordagem educacional que seja sensível às necessidades e experiências do público da EPJAI, que as capacite a moldar um futuro igualitário e inclusivo. Suas vozes são fundamentais na discussão sobre como a escola pode se tornar um espaço que as prepare de maneira eficaz para os desafios e oportunidades do mundo contemporâneo. Daí a importância de uma educação que promova a igualdade de gênero, oportunidades iguais e prepare os estudantes para os desafios da sociedade contemporânea. Esses achados, ainda que iniciais destacam também a complexidade das questões femininas no contexto escolar.

Conclusões

Ainda incipientes e em construção, destacamos a necessidade de criação de políticas públicas de educação para a EPJAI, que valorize as perspectivas femininas

e dê apoio para o desenvolvimento pessoal e profissional das mulheres. A criação de um ambiente educacional que valorize a igualdade de gênero, a diversidade e a inclusão é fundamental para capacitar as mulheres a alcançarem seu pleno potencial e contribuírem de forma significativa para a sociedade.

Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, 17.^a edição.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- JARDIM, Silvia Regina Marques. **Entreaberto botão, entrefechada rosa: vivências da adolescência feminina em assentamento de reforma agrária**. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós Graduação em Educação: FCL/UNESP Universidade Estadual Paulista, UNESP, Araraquara/SP, 2011.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- MORAIS, Paula Varlanes Brito. **Interfaces entre a educação especial na perspectiva inclusiva e educação de pessoas jovens, adultas e idosas: contextos de múltiplas (in)visibilidades**. / Paula Varlanes Brito Moraes, 2019. [Dissertação de Mestrado] Vitória da Conquista- BA-Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Mestrado Acadêmico em Ensino-PPGEn.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. Do feminismo igualitista ao feminismo diferencialista e depois. In: BRABO, Tânia S. A. M. (org.). **Gênero e Educação: lutas do passado, conquistas do presente e perspectivas futuras**. São Paulo: Ícone, 2007 (Coleção Conhecimento e Vida), p. 30-44.
- SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 43^a. ed. Campinas: Autores Associados, 2018.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-79, 1995.